

# A MULTIPLICIDADE DE VOZES EM *POSSESSING THE SECRET OF JOY*

**Michela Rosa Di Candia\***

*Resumo:* Este trabalho retrata as estratégias utilizadas para a composição do romance *Possessing The Secret of Joy*, da autora afro-americana Alice Walker. É pressuposto que o olhar da protagonista na narrativa em questão é o produto da soma de todas as escolhas feitas pelo autor implícito que, ao optar pela utilização das múltiplas vozes no romance, denuncia as conseqüências físicas e psicológicas resultantes da submissão ao ritual da circuncisão.

*Palavras-chave:* Mutilação genital feminina; multiplicidade de narradores; autor implícito.

■ **E**m sua definição de *womanism*, Alice Walker diz estar preocupada com tudo aquilo que fere a dignidade humana. Assim, ela empreende uma luta em prol da comunidade afro-americana para que seus membros se afirmem como sujeitos e desafiem os conceitos dominantes. Em seu livro de ensaios *In Search of Our Mothers' Gardens*, ela afirma seu comprometimento em retratar as opressões, insanidades e injustiças cometidas contra as mulheres negras. No entanto, ela também revela suas lutas, seus triunfos e suas conquistas (WALKER, 1983, p. 250). Seus primeiros trabalhos denunciam as injustiças sociais e sexuais presentes na família, na sociedade e nas relações íntimas. As temáticas raciais e da sexualidade da mulher negra são abordadas a partir da análise dos sistemas de dominação que estruturam o sujeito. Desse modo, as relações de poder exercidas pelo homem branco e/ou negro sobre a mulher negra constituem uma das problemáticas em sua obra. Sua contribuição para o desafio das estruturas do centro de poder hegemônico foi viabilizada por seu

\* Doutoranda em Estudos Lingüísticos e Literários em inglês pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP).

envolvimento nos movimentos pelos Direitos Civis e seu clamor voltado à libertação das mulheres negras na América branca.

Em 1992, com o romance *Possessing The Secret of Joy* (PSJ), uma mudança de postura da autora no direcionamento de seu foco de estudo é verificada. Walker lança um olhar às mulheres que possuem suas raízes na África e são oprimidas pelas normas ancestrais, que devem ser seguidas para a perpetuação da identidade étnica. A imagem romântica atribuída à África em seus trabalhos anteriores é completamente destruída. Há um posicionamento político transcultural contra as doenças sociais do tribalismo e contra o sexismo, privilegiando uma visão ocidentalizada. Nesse romance, a protagonista Tashi é submetida ao ritual de circuncisão feminina<sup>1</sup> para sua inserção na comunidade fictícia Olinka. Com seu deslocamento para os Estados Unidos, a personagem principal, imbuída dos valores ocidentais, passa a enxergar a prática social africana de modo negativo. Esse trabalho, portanto, apresenta as estratégias utilizadas para a composição do romance afro-americano em questão. É pressuposto que o olhar da protagonista é o produto de todas as escolhas feitas pelo autor implícito que, ao optar pelas múltiplas vozes na estruturação do romance, denuncia as conseqüências físicas e psicológicas resultantes da submissão ao ritual da circuncisão.

A circuncisão feminina ou a mutilação genital feminina (MGF), na África, e suas implicações sobre a questão da sexualidade da mulher negra estão imbricadas no falar das personagens do romance. A própria fragmentação da protagonista, com suas múltiplas identidades, serve como meio facilitador para a entrada da voz da autora com seu juízo de valor sobre a prática ritualística. A partir dos elementos da africanidade resgatados pelas viagens ao continente e por uma série de entrevistas realizadas com as circuncisadoras e com as mulheres mutiladas, o autor empírico inicia sua trajetória de construção do romance a partir dos valores de um determinado grupo. Suas conclusões, no entanto, são contaminadas pela cultura a que pertence.

Booth (1983), ao trabalhar com a questão da narração, afirma que o autor está sempre presente no texto de uma forma implícita, como um segundo “eu” que assume certos disfarces em sua própria narrativa. Tais disfarces ou técnicas são observados no momento em que as escolhas conscientes ou inconscientes para a elaboração da narrativa são estabelecidos, a saber, a invenção de determinados nomes africanos e da fictícia tribo Olinka; a abordagem da forma mais radical de circuncisão (a infabulação); o uso de personagens nomeados de acordo com figuras importantes da história da psicanálise; o número de personagens; a linguagem; o tempo cronológico e psicológico; o espaço; o título dado à obra; a disposição dos capítulos e, especialmente, o foco narrativo.

Com essas escolhas para a constituição de uma trama, a preocupação maior está em transmitir valores. Assim, cada história é abordada de várias maneiras, e a opção por esta ou aquela maneira está vinculada aos valores que se pretende relatar, bem como aos seus efeitos. Por isso, a escritura da autora afro-americana, desde o início de sua carreira, revela que as abordagens apresen-

1 A circuncisão é feita de vários modos, e de acordo com cada região (Somália, Sudão, Egito, Etiópia, Quênia, Nigéria). Lightfoot-Klein (1989, p. 32-36) apresenta cinco tipos de circuncisão: a tradicional; a sunna modificada; a clitoridectomia; a infabulação ou circuncisão faraônica; e a intociação. Com tais procedimentos, a mulher perde o prazer sexual, estando assim preparada para o matrimônio.

tadas em cada obra diferenciam-se por incluírem escolhas condizentes com os tipos de questões que se deseja elucidar. Os romances possuem fins particulares e articulam valores distintos. Em *The Color Purple* (1982), por exemplo, os disfarces e as técnicas usadas privilegiam a forma epistolar com a qual a protagonista desenvolve sua linguagem e a si mesma. “Variando em conteúdo, extensão, função e tempo de composição, as cartas em *A Cor Púrpura* de Alice Walker levam em conta um formato personalizado e um veículo flexível para narração” (FIFER, 1985, p. 155). O dialeto desgramaticalizado da protagonista decorre de sua exclusão do centro estabelecido. À medida que interage com outrem, suas cartas mostram-se comprometidas com as injustiças sociais. A narração em primeira pessoa dá conta de um olhar reducionista ao focalizar a possibilidade de felicidade na sociedade americana e criar condições harmoniosas para a coexistência de oposições.

Em PSJ, elementos da realidade das mulheres africanas são postulados no texto de ficção. Com a modificação de seu disfarce, a opção por uma abordagem narrativa múltipla não deixa dúvidas de que a mutilação é uma violência contra a mulher negra africana. Vale ressaltar que mesmo com suas raízes ancestrais fincadas na África, o olhar da escritora aos antepassados condena as práticas ritualísticas, classificando-as como primitivas. Logo, cada obra da escritora sugere diferentes combinações de si mesma ao possibilitar a existência de suas várias facetas.

Retomando as palavras de Booth (1983), o autor está inexoravelmente vinculado a uma idéia particular de que se propõe desvencilhar por meio dos disfarces escolhidos para a revelação de um determinado juízo de valor. Tal procedimento associa o autor à figura de um sujeito individual que estabelece sua autoridade ao se posicionar ante algum assunto.

Cada elemento na narrativa tem um propósito a ser descoberto à medida que a interação autor-leitor se estabelece. Nada é imparcial em uma obra literária. A própria escolha de um determinado modo de narrar em detrimento de outro é meramente ideológica e está imbuída de um posicionamento político. Logo, os recursos utilizados para a transmissão dos valores em uma narrativa constituem elementos retóricos que privilegiam o porquê e o para quê de uma forma de narração.

Assim sendo, o romance em estudo, com sua multiplicidade de narradores, permite a descentralização de uma voz condutora da narrativa. A história apresentada é proveniente da mente das personagens, das impressões que pessoas e fatos deixam nelas. Assim, os elementos mostrados ao leitor não são mediados por um narrador. Os canais de visão são diversificados a partir do momento em que os capítulos do romance alternadamente enfocam personagens envolvidos por aquilo que exteriorizam. O falar das personagens pode ser visto como um reflexo do universo fragmentado em que vivem. Não há como legitimar um único posicionamento. É preciso que todos tenham voz para expressar seus anseios, suas angústias, suas conquistas. E é nesse entremeio, nos espaços vazios provocados pela fragmentação, que a voz da escritora se faz presente.

A fala da autora no texto em foco não é a materialização de sua voz única. Ela não é agente por si mesma, mas o resultado de um posicionamento político determinado por uma pluralidade de vozes. Relembrando Bakhtin (1993, p. 88), “o objeto para o prosador é a concentração de vozes, dentre as quais sua voz também deve ressoar. A palavra de cada personagem evoca um contexto,

portanto é povoada de intenção”. Resta-nos sugerir que tais palavras não se excluem: ao contrário, interceptam-se para provocar o efeito desejado. No romance, isso é perceptível na inserção dos múltiplos narradores originários dos distintos continentes: a África, ora representada pela protagonista ao assumir a força da tradição Olinka em sua identidade ora representada pela circuncisadora M'Lissa e pela tradição *per se*; a Europa, pelos fictícios terapeutas Freud e Jung e também por Pierre; a América, então revelada por Tashi em determinados momentos da narrativa, assim como por seu filho deficiente Benny, pela psicóloga Raye e, especialmente, por seu marido Adam e sua cunhada Olivia. A história é apresentada por muitos pontos de vista a fim de proporcionar ao enredo uma variedade de representações sobre questões suscitadas pela excisão feminina. As palavras proferidas por cada narrador-personagem são selecionadas, remetendo-nos à idéia de um texto telegráfico que figura como os fragmentos de memórias dos diversos “eus” a fim de desmascarar um suposto senso comum. A idéia de seleção é útil a um propósito particular, visto que aquilo que é selecionado é significativo e essencial à narrativa. As estratégias para a organização do texto determinam as condições sob as quais um determinado assunto é comunicado. É compreensível, portanto, que narrativas desse âmbito utilizem monólogos que convergem para o desacordo e/ou para a concordância.

### CONVERGÊNCIA DE MONÓLOGOS

A narração da história por diferentes personagens é vantajosa na medida em que um mesmo procedimento é visto sob diferentes ângulos. As múltiplas vozes permitem a criação de um conceito que converge tanto para a violência física quanto psicológica sofrida pelas mulheres. Como nos lembra Bakhtin (1993, p. 119), “as palavras das personagens, sendo palavras de outrem numa linguagem de outrem, podem retratar as intenções do autor, e podem ser, em certa medida, a segunda linguagem do autor”. Assim, verifica-se que não é somente a protagonista quem adota um discurso negativo acerca da temática em questão. Cada personagem contribui para a agenda didática do romance, a fim de transmitir um determinado saber. Todos têm voz no romance de Walker, e essas vozes concorrem para a revisão da MGF.

Dessa forma, os monólogos refletem, de um modo ou de outro, uma visão barbárica da mutilação genital feminina. Uma pessoa ou evento torna-se denominador comum de dois ou mais monologistas, contribuindo para a agenda argumentativa da narrativa. A redundância é a garantia contra os erros na transmissão da mensagem e a tentativa de influenciar a formação da opinião do público leitor.

O consenso proposto em PSJ pelo enunciado de cada personagem reforça o matiz negativo acerca da MGF. Assim, as muitas vozes ou textos se inter cruzam ou ainda se complementam na narrativa. A diversidade apresentada é o que determina o caráter polifônico do texto. Os quatro primeiros monólogos do romance exemplificam tal preceito. Mesmo sem uma linearidade temporal entre as narrativas, a mensagem é transmitida. Optamos aqui por selecionar fragmentos de alguns monólogos. No primeiro deles, Tashi atesta a sua morte psicológica como uma conseqüência da mutilação sofrida. “Eu não percebi que por um bom tempo eu estava morta” (WALKER, 1992, p. 3). Tal proposição é feita antes mesmo de o leitor se inteirar da narrativa e dos motivos que a levaram a assumir a

marca identitária do grupo. Essa é uma maneira de preparar o leitor para o desfecho do romance. Mais adiante, Olivia mostra as conseqüências físicas da mutilação, a aparência e o caminhar. A ferida deu à protagonista “o clássico caminhar da mulher Olinka”, na qual os pés parecem escorregadios e raramente levantados do chão. “Ninguém mencionou a eternidade para se usar o banheiro. Ninguém mencionou o odor” (WALKER, 1992, p. 67). Cada fragmento da narrativa revela experiências traumáticas associadas ao ritual, suas conseqüências físicas e psicológicas, marcas que destruíram a possibilidade de construção de uma sexualidade que privilegie as necessidades básicas do ser humano.

O leitor é remetido à verdade ou às verdades de cada personagem, já que cada uma é a extensão de suas experiências, e aquilo que é representado por suas ações e por seus pronunciamentos nem sempre é confiável. Até mesmo a circuncisadora M'Lissa elucida a visão negativa da prática ritualística em um dado momento da narrativa ao questionar-se sobre seu papel na sociedade: “Em serviço à tradição, àquilo que nos torna pessoa. Em serviço ao país e àquilo que nos faz o que somos. Mas quem somos nós exceto torturadoras de crianças?” (WALKER, 1992, p. 226). No entanto, a inferência feita por essa personagem parece duvidosa, pois a própria circuncisadora admitira no decorrer do romance sua indiferença ao sofrimento das meninas no momento da mutilação. Nesse sentido, a confiabilidade na narração em primeira pessoa por meio desses monólogos é comprometida, pois a presença do autor está relegada aos interstícios da narrativa.

Assim, ao evidenciar um assunto tabu de uma sociedade patriarcal, Walker pretende divulgar um juízo de valor e educar as mulheres africanas acerca das conseqüências físicas e psicológicas geradas pela submissão a essa prática. Em sua concepção, não se deve celebrar tudo o que diz respeito à África meramente por ser africano. É preciso desenvolver um olhar crítico e a ficção torna-se o meio pelo qual essa temática pode ser revisitada. Nas palavras da escritora:

*Because your elders have told you that you are unclean does not make it so. Because your mother has told you that you must hang your head in sorrow because you were born female does not make it so. Because your father tells you he owns you body and soul and can do what he likes with you does not make it so. Because your religion tells you there is a God who demands pieces of flesh, and your perpetual suffering in sex and childbearing, does not mean this is your religion or your God (WALKER, 1997, p. 148)*

Esse posicionamento assumido pela autora é questionado por Miller (1987) em suas considerações acerca do olhar do ocidental sobre o “outro”. Como um ocidental poderia realizar uma leitura dos africanos de um ponto de vista meramente africano ou interpretar a África em termos africanos? A tentativa de uma leitura não etnocêntrica é desejável, porém inatingível, pois críticos ocidentais, ao se apoiarem em um contexto cultural próprio, projetam seus valores e desejos sobre o objeto subjugado. Por sua vez, o fato de ser biológica ou culturalmente africano não garante uma visão determinista puramente africana, já que o indivíduo está sujeito às influências externas.

## **REPENSANDO O ENCONTRO DE CULTURAS**

Parkesh (2000), em seus argumentos acerca da avaliação das culturas, sustenta que as idéias de uma cultura incomensurável, ou analisada em seus pró-

prios termos, são parcialmente válidas. Segundo esse autor, cada cultura possui dimensões estéticas, morais, literárias, sociais e espirituais próprias; diferentes visões da vida que não podem ser classificadas ou mensuradas conforme um padrão único. O que pode ser feito nesse sentido é a análise de aspectos específicos em cada cultura. Já a suposição de que uma cultura pode ser analisada internamente pode ser válida se, antes mesmo de realizarmos um juízo de valor, procurarmos entender a cultura a partir de seu interior. A estruturação de uma cultura segundo padrões externos é uma mera ilusão. Não se pode, portanto, esperar a conformação por parte da comunidade africana ao que foi determinado pelo “outro” como certo ou errado. Tal julgamento não faz nenhum sentido aos membros da comunidade cultural Olinka. O tratamento dessas questões sugere o desenvolvimento de uma atitude de respeito aos direitos da comunidade:

*We should respect the community's right to its culture but should also feel free to criticize its beliefs and practices. [...] no cultural community is devoid of reformist resources. Its constitutive beliefs and practices are best changed from within, and the outsider is unlikely to fully understand its complexity. While we may rightly press for change, and urge that the community should practise internal democracy and allow public debate, we should respect its autonomy (PARKESH, 2000, p. 177).*

A idéia de respeito não exclui a possibilidade de questionamento das práticas culturais. Por isso, no que concerne à MGF, o autor sugere um questionamento aos limites impostos a esse sujeito na sociedade e discute o peso dado às escolhas individuais. Em sua concepção, as opções individuais não coercivas devem ser respeitadas. A mulher deve ter o direito de fazer o que deseja com o seu corpo, desde que isso não prejudique algumas funções vitais. Ele ainda apresenta exemplos de procedimentos realizados na sociedade ocidental em que mulheres efetuam cirurgias de aumento ou redução dos seios, reconstituição de nariz e lábios, tatuagem e *piercing* atendendo a demandas estéticas. Desse modo, cada sociedade estabelece os parâmetros definidores da mulher. A MGF e as práticas ocidentais estão imbricadas nas distintas visões que cada sociedade tem das respectivas mulheres. Na África, a determinação dessa prática sem restrições ou ainda sob algumas condições específicas (como a livre escolha da mulher para a manutenção de uma genitália mais simétrica, atrativa ou em atenção à necessidade de afirmação de uma crença) confirma a aceitação desse procedimento pela sociedade. Parece que não há nada de errado com a sua execução.

Tanto uma sociedade quanto outra desenvolvem formas de classificar o mundo ao construírem sistemas específicos. No entanto, nas comunidades africanas é preciso que haja um movimento de conscientização interna das mulheres para que assim possam se (opor)/posicionar diante da mutilação genital feminina. Tal conscientização deve modificar as relações de poder na comunidade africana e legitimar novos comportamentos. O sistema não deve eliminar a diferença, mas reconhecê-la. A transformação da comunidade só pode ser alcançada quando seus “segredos” forem revelados, desafiados. E é com esse intuito que a voz de Walker se faz presente na exposição daquilo que os africanos pretendem omitir. A sua fala não é proveniente do interior da comunidade, mas, mesmo assim, há uma necessidade em fazê-la audível. Ao julgar a prática afri-



cana segundo os princípios da sociedade a que pertence por meio da ficção, a escritora acredita que, em algum lugar, alguma menina deixará de ser mutilada. O seu olhar, diferente daquele dos críticos que execram seu posicionamento, se contrapõe à violência ritualizada como parte de qualquer cultura. Deve-se atentar, no entanto, para o fato de que as culturas não seguem valores morais universais, e cada uma está vinculada à sua história e identidade. Não há como uma dada cultura considerar outra incorreta, já que cada uma é moldada segundo os padrões específicos de sua comunidade.

## REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e estética*. São Paulo: Editora Unesp, 1993.
- BOOTH, Wayne C. *The Rhetoric of Fiction*. Chicago: The University of Chicago Press, 1983.
- FIFER, Elizabeth. The Dialect & Letters of The Color Purple. In: RAINWATER, Catherine; SHEIK, William J. (Ed.). *Contemporary American Women Writers: Narrative Strategies*. Lexington: The University Press of Kentucky, 1985.
- LIGHTFOOT-KLEIN, Hanny. *Prisoners of Ritual – An Odyssey into Female Genital Circumcision in Africa*. New York: Harrington Park Press, 1989.
- MILLER, Christopher L. Theories of Africans: The Question of Literary Anthropology. In: GATES JUNIOR, Henry Louis. *“Race”, Writing and Difference*. Chicago; London: The University of Chicago Press, 1987, p. 281-283.
- PARKESH, Bhikhu. *Rethinking Multiculturalism – Cultural Diversity and Political Theory*. London: Macmillan Press, 2000.
- WALKER, Alice. *The color purple*. New York: Harcourt Brace Joanovich, 1982.
- \_\_\_\_\_. *In Search of Our Mothers’ Gardens*. San Diego: A Harvest Book, 1983.
- \_\_\_\_\_. *Possessing The Secret of Joy*. New York: Washington Square Press, 1992.
- \_\_\_\_\_. Heavens Belongs to You. Warrior Marks as a Liberation Film. In: \_\_\_\_\_. *Anything We Love Can be Saved. A Writer’s Activism*. New York: The Ballantine Publishing Group, 1997.
- DI CANDIA, Michela Rosa. The Multiplicity of Voices in *Possessing the Secret of Joy*. *Todas as Letras* (São Paulo), volume 9, n. 1, p. 97-103, 2007.

*Abstract: This paper depicts the strategies used in the composition of the novel Possessing The Secret of Joy, by the Afro-American writer Alice Walker. It is assumed that the protagonist’s view is a product of the choices made by the implied author, who chooses the use of multiple voices in the novel to denounce the physical and psychological consequences of the ritual.*

*Keywords: Female genital mutilation; multiplicity of narrators; implied-author.*